



Desespero. E o empresário morre

Cheio de dívidas, desesperado com a burocracia estatal e na iminência de ter de fechar suas empresas, demitindo milhares de empregados, o empresário têxtil pernambucano Antônio Carlos Azevedo de Menezes trancou-se no seu escritório em Camaragibe, na região metropolitana de Recife, no dia 10 de maio, e deu um tiro na cabeça, morrendo aos 61 anos e deixando um patético bilhete para o governo: "Peço encarecidamente às autoridades do meu País que não permitam que os operários e funcionários desta empresa passem por privações".

Neto e filho de empresários têxteis, Antonio Carlos Menezes dirigia o grupo

Ciper, com interesses no ramo imobiliário. O grupo englobava a fábrica de Camaragibe, fundada por seu avô em 1890, a Companhia Agro Fabril Mercantil (Fábrica da Pedra), fundada no sertão alagoano, em 1912, pelo lendário coronel Delmiro Gouveia, e outras empresas, que empregavam 3 500 pessoas. A estas empresas Menezes dedicará 40 anos de sua vida.

No início do ano, entretanto, atingido pela crise que forçou a paralisação de várias fábricas tradicionais em Pernambuco, Menezes apresentou ao Banco Nacional de Desenvolvimento Social — BNDES, um plano de saneamento financeiro, pleiteando um

empréstimo de Cr\$ 1,8 bilhão. Seu plano foi aprovado, mas a liberação dos recursos foi adiada várias vezes e Menezes, descontrolado, matou-se, deixando dívidas no valor de Cr\$ 7 bilhões, facilmente cobertas, no entanto, por um patrimônio avaliado em 90 bilhões.

Para os familiares e amigos de Antônio Carlos Azevedo de Menezes, ele não se matou por causa de uma súbita fragilidade emocional, mas com o objetivo de chamar a atenção dos condutores da política econômica financeira do governo e evitar assim que suas empresas tivessem o mesmo destino de dezenas de outras fábricas têxteis nordestinas: o fechamento.